

JUSTO L. GONZÁLEZ

MINIS TÉRIO

VOCAÇÃO OU PROFISSÃO

O PREPARO MINISTERIAL
ONTEM, HOJE E AMANHÃ



hagnos

© 2012 por Justo L. González

Revisão
André Lima
Raquel Fleischner

Adaptação da capa
Maquinaria Studio

Diagramação
OM Designers Gráficos

1ª edição – Setembro 2012

Editor
Juan Carlos Martinez

Coordenador de produção
Mauro W. Terrengui

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

Todos os direitos desta
edição reservados para:
Editora Hagnos
Av. Jacinto Júlio, 27
04815-160 – São Paulo – SP
Tel. (11) 5668-5668
hagnos@hagnos.com.br
www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

L. González, Justo

Ministério : vocação ou profissão : o preparo ministerial ontem, hoje e
amanhã / Justo L. González ; [tradução José Carlos Siqueira]. -- São Paulo
: Hagnos, 2012.

Título original: La preparación ministerial ayer, hoy y mañana.

Bibliografia

ISBN 978-85-7742-108-4

1. Clero - Ministério 2. Teologia pastoral I. Título.

12-07489

CDD-253

Índices para catálogo sistemático:

1. Ministério pastoral : Cristianismo 253

Sumário

1. Introdução	5
2. A igreja antiga	13
3. O catecumenato	22
4. De Constantino às invasões germânicas	29
5. A romanização dos germanos	40
6. As escolas do princípio da Idade Média	47
7. Origens da escolástica	56
8. As universidades e a escolástica	63
9. Os últimos séculos da Idade Média	77
10. Em busca de alternativas	87
11. A Reforma Protestante	95
12. A Reforma Católica	108
13. A escolástica protestante e o racionalismo	118
14. A reação pietista	129
15. A educação teológica moderna	141
16. A educação teológica entre o ontem e o amanhã	157

1

Introdução

Não resta dúvida de que a preparação ministerial está em crise. Há muitos sinais disso, e vale a pena prestar atenção a alguns deles.

Entre os católicos, a crise é urgente, especialmente devido à falta de vocações ministeriais. Há alguns anos, fui convidado a falar na formatura de uma das principais escolas teológicas católicas dos Estados Unidos. Os formandos eram doze, dos quais, por distintas razões, apenas oito eram de fato candidatos à ordenação. Na mesma noite, fui à formatura do programa para ministros leigos, oferecido por essa escola junto à arquidiocese à qual é subordinada. A cerimônia foi na catedral e o número de formandos era tão grande que quase não havia lugar para os parentes mais próximos. O currículo que aqueles graduandos haviam seguido por vários anos incluía diversas disciplinas das áreas de teologia, Bíblia, história, práticas ministeriais, etc. Portanto, o problema não está na falta de interesse nos estudos teológicos e ministeriais. Nesse caso, a questão é: enquanto o ministério laico e os estudos necessários para a sua preparação despertam entusiasmo, não existe interesse pelo ministério ordenado. Tal situação lança um urgente desafio ao catolicismo romano, o que, por sua vez, leva a discussões sobre o celibato, o sacerdócio de mulheres, etc. Não cabe a mim oferecer soluções que não me foram solicitadas, mas ousou dizer que, se a igreja católica romana não encontrar solução para esse problema, dentro de algumas décadas os sacerdotes ordenados terão tempo apenas para rezar a missa, celebrar casamentos e outras tarefas semelhantes, deixando aos leigos as tarefas de dimensões mais pessoais do ministério pastoral. Esse fato, por sua vez, vai agravar a crise, já que existem claros indícios

de que uma das causas da atual escassez de vocações sacerdotais é que as tarefas às quais muitos padres precisam dedicar boa parte de seu tempo estão muito distantes do trabalho pastoral propriamente dito. São tarefas administrativas e sacramentais que não despertam a imaginação nem o entusiasmo dos jovens que procuram uma profissão que lhes ofereça sentido à vida.

Os sinais da crise entre os protestantes são outros. Com a exceção de algumas denominações, a crise não está na falta de quem ouça o chamado para o ministério em tempo integral. O problema se encontra na falta de conexão entre esse chamado e boa parte do que se oferece em termos de preparação para o ministério. O fato se torna mais claro para a população latina dentro dos Estados Unidos, na qual estou mais envolvido. Em qualquer cidade de médio porte, pode-se encontrar uma centena de igrejas evangélicas de língua espanhola — em algumas delas o número passa de mil. Porém, ao mesmo tempo, em todos os programas de mestrado em seminários credenciados no país não há mais que 1.223 alunos de origem latina — e isso contando com Porto Rico e Canadá, tanto católicos quanto protestantes. Entre as igrejas que normalmente exigem formação em seminário, quase todas se viram obrigadas a desenvolver alternativas para o ministério de tempo integral. Assim, por exemplo, a Igreja Metodista Unida, que, excetuando os Batistas do Sul, possui o maior número de seminaristas latinos, oferece também aquilo que ela chama de "curso de estudos de extensão". Os pastores e pastoras que se formam nesse tipo de curso são muito mais numerosos dos que optaram pelo caminho do seminário. A Igreja Presbiteriana Unida normalmente não ordena quem não é graduado em seminário, mas o que ela tem feito no caso dos latinos é proporcionar-lhes o assim denominado programa para "pastores leigos". O resultado é que grande parte do ministério latino dentro da Igreja Presbiteriana está nas mãos dessas pessoas, que operam absolutamente como pastores e pastoras, mas não podem ser ordenados nem se tornar membros do presbitério. (Neste contexto, é justo mencionar que o programa não se originou para preparar pastores latinos, mas sim para formar lideranças destinadas às igrejas rurais que não podiam arcar com o salário básico de um pastor em tempo integral.)

Naturalmente, o que acontece nas igrejas que, em teoria, exigem a formação em seminário para o ministério pastoral se acentua ainda mais naquelas que não fazem tal exigência. Embora a Igreja Batista do Sul possua o maior número de latinos entre os estudantes de seminário, estes não são mais do que uma pequena fração dentre os que servem nas igrejas, cada um deles com diferentes níveis de preparação ministerial — ou sem qualquer formação acadêmica. Entre as denominações pentecostais, somente as maiores — como a Igreja de Deus e a Assembleia de Deus — oferecem seminários e a eles comparece apenas uma parte ínfima de seus pastores e pastoras. Tanto dentro dessas denominações quanto em outras menores, e certamente entre o enorme número de igrejas independentes que surgem em todos os lugares, a preparação ministerial é bastante informal. Algumas dessas igrejas patrocinam institutos bíblicos reconhecidos e supervisionados pela própria denominação. Mas a maioria dos institutos bíblicos não recebe supervisão de uma instância superior. Vários deles são internatos, com um currículo específico, uma biblioteca e um quadro oficial de professores. Entretanto, muitos outros são programas estabelecidos e dirigidos por um pastor qualquer, o qual estabelece a maioria das disciplinas e também determina o que deve ser oferecido nelas de acordo com seus próprios interesses e conveniência. Eis a educação ministerial recebida pela maioria dos pastores e pastoras latinos nos Estados Unidos.

O que é verdadeiro para o limitado âmbito da comunidade latina nos Estados Unidos é mais ainda para a própria América Latina. A explosão demográfica ocorrida na maioria das igrejas evangélicas latino-americanas — particularmente entre as pentecostais — excede em muito os recursos dos seminários existentes. Em muitos casos, os seminários mais tradicionais se encontram nas capitais, sendo muito difícil aos candidatos o acesso a essas instituições. Como resultado, quase todas as denominações têm desenvolvido programas alternativos para a formação do ministério em tempo integral, enquanto outras acabam criando numerosos seminários em várias regiões do país — ainda que em detrimento do nível acadêmico de tais seminários.

Ao mesmo tempo, ouvimos na América Latina aquilo que também se escuta nos Estados Unidos — e muito mais na Europa: a denúncia de que os seminários e as escolas de teologia parecem não preparar adequadamente seus alunos para a prática ministerial, e que, muitas vezes, aqueles que não estudaram em seminários se tornam melhores pastores e pastoras do que os graduados por alguma instituição. Sem dar toda a razão para os que pensam dessa forma, devemos reconhecer que as denominações que mais crescem não são as mesmas que exigem estudos em seminário para o pastorado. Ainda que o crescimento numérico de uma igreja não deva ser a única medida de julgamento quanto à eficácia de seu ministério, o próprio fato de as igrejas que mais estudos exigem de seus pastores serem aparentemente as que menos crescem parece indicar uma lacuna entre o ensinado no seminário e o praticado na igreja. Tal constatação deveria servir de alarme para a educação teológica tradicional.

A tudo isso somam-se novos elementos tecnológicos que, ao mesmo tempo, oferecem novas alternativas para a preparação do ministro e desafiam a pedagogia tradicional. Até recentemente, a maior dificuldade que tínhamos quanto à preparação ministerial era a escassez de recursos disponíveis para os alunos. Queixávamo-nos das limitações de nossas bibliotecas. Hoje, um dos graves problemas que enfrentamos é a grande quantidade de informações — tanto de informações corretas e valiosas quanto de falsas e tendenciosas — ao alcance dos dedos de qualquer pessoa com um computador e acesso à rede cibernética. Surgem, então, questões prementes como, por exemplo, qual é o melhor uso que podemos dar a tais recursos? Como ensinar nossos alunos e pastores a julgar criticamente o que se apresenta na internet? Se grande parte da educação ministerial consiste na formação do caráter e da espiritualidade, será possível cumprir essas funções à distância, através de contatos meramente cibernéticos? O que se pode ensinar à distância, e o que não? Não será necessário desenvolver uma teologia crítica das novas comunicações cibernéticas e aplicar essa teologia à pedagogia?

Por outro lado, se a internet se apresenta como um novo desafio pelo excesso de informações, tanto boas quanto ruins,

semelhante exagero de informações também ocorre na mídia impressa. Quando era estudante no seminário, há pouco mais de meio século, a dificuldade que enfrentávamos era a carência de livros de teologia protestante em espanhol. Como o mercado era escasso, os custos de produção eram grandes. Desse modo, os poucos livros que havia eram, em sua maioria, de editoras que recebiam subsídios missionários — como as casas publicadoras CUPSA e El Faro, no México, e La Aurora, na Argentina. Hoje, devido ao crescimento numérico de nossas igrejas, o evangelho se tornou um negócio lucrativo. Novos projetos de publicação surgem em todos os lugares. Conforme a assim chamada *desktop publishing* [editoração eletrônica] se tornou fácil e relativamente barata, qualquer pessoa pode publicar seus sermões, estudos bíblicos, seus complicados cálculos sobre quando o Senhor retornará. Portanto, embora em menor medida, o problema que hoje enfrentamos com os materiais impressos é análogo ao da internet: um excesso de informações, algumas vezes boas, outras regulares e muitas inquestionavelmente erradas.

Hoje, no campo da teologia, da Bíblia e em outras áreas semelhantes, estão disponíveis, em nosso idioma, excelentes materiais produzidos por estudiosos de todo o mundo. O problema é que muitos deles foram escritos em outros contextos e para um público diferente, resultando na publicação de muitos livros bons, mas difíceis de ler e mais difíceis ainda de serem aplicados. E, no outro extremo, há vários livros fáceis de ler, mas que é bem melhor não ler! Existem livros especulando se estamos no quinto selo ou na sexta trombeta; outros contam como Deus respondeu às minhas orações e, por isso, consegui um bom trabalho ou ganhei na loteria; outros tratam do que a Bíblia nos diz se multiplicarmos o número dos apóstolos pelo número de igrejas do livro do Apocalipse e, então, somarmos o número dos profetas... No entanto, livros de fácil leitura e boa teologia são escassos, exigindo que vasculhemos entre pilhas de livros que praticamente são ilegíveis e outros que seria mais produtivo não ler! Para piorar as coisas, a realidade do mercado se encontra numa situação em que esta última categoria de livros é a mais produzida e vendida na América Latina. E como, até onde nossa

vista alcança, essa situação não vai se modificar por décadas, não é suficiente que nós professores apenas escolhamos bons livros para nossos alunos lerem, devemos fornecer-lhes as ferramentas essenciais para distinguir entre o joio e o trigo. Não é o bastante indicar um bom livro sobre Isaías e usá-lo como livro-texto. É igualmente necessário que, com base no que ensinamos, nossos alunos aprendam a julgar qualquer livro que cai em suas mãos, não só sobre Isaías, mas também sobre Jeremias ou qualquer outro assunto.

A esse respeito retornaremos mais adiante. Só estou me referindo aqui ao assunto para mostrar a urgência e a dificuldade da questão de que estamos tratando. A crise da preparação ministerial possui uma dimensão tal que não será resolvida com apenas alguns ajustes no currículo, ou novos métodos administrativos, mas será necessário examinar tudo o que fazemos com o objetivo de atingir mudanças bem mais radicais.

Em vista disso, proponho lançar um breve olhar no passado da preparação ministerial, para saber se há algo na história que serve de fundamento para nossa resposta aos desafios do presente. E além disso, mostrar que boa parte da realidade, tida por nós hoje como perfeitamente natural e até mesmo necessária à vida da igreja — por exemplo, os próprios seminários — nem sempre foi e que possivelmente existam outras maneiras de fazer tais coisas. Ou seja, o conhecimento do passado — ou melhor, dos passados — nos livra da escravidão do passado imediato, cuja continuação é muitas vezes apresentada como a única alternativa possível.

Repetidamente e em vários lugares tenho dito que a história não é realmente escrita a partir do passado, mas sim a partir do presente e do futuro pelo qual ansiamos ou tememos.¹ O passado nos oferece tão grande variedade e multiplicidade de dados, que é impossível dar atenção igual a todos eles. Quem estuda a história

¹ Eis alguns desses lugares: *Mapas para a história futura da igreja*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006; *La historia también tiene su historia*. Buenos Aires: Kairos, 2001. Esses dois livros, com algumas variantes, foram publicados juntos em inglês: *The Changing Shape of Church History*. Indianapolis: Chalice, 2002.

o faz inevitavelmente de sua própria perspectiva, e as perguntas que dirige a suas fontes escritas e arqueológicas refletem necessariamente não apenas o tópico tratado por essas fontes, mas também as preocupações do historiador ou historiadora. Se neste estudo estamos interessados no passado da preparação ministerial, é porque nos interessam também e acima de tudo o seu presente e o seu futuro.

Por outro lado, a única maneira que temos para enfrentar o futuro é a experiência do passado. Se, para chegar ao México, comprei um bilhete de avião, foi porque a última experiência, tanto minha como a de milhares de outras pessoas, mostrou-me que esse é o melhor meio para se viajar até lá. E se, para sair de minha casa e ir para o aeroporto, eu virei à esquerda, isso se deveu também a experiências passadas, tanto a minha quanto a daqueles que fizeram os mapas que hoje nos ajudam a ir de um lugar para outro. Sem esses mapas e tais experiências acumuladas por gerações anteriores, nós nunca saberíamos o que se encontra do outro lado da esquina. Sem o passado, não saberíamos como viver no presente. Nós não saberíamos como quando plantar o milho, nem como cozinhá-lo muito menos como saboreá-lo.

Hoje é particularmente importante enfatizar tal princípio, pois o ritmo vertiginoso das mudanças tecnológicas nos faz olhar apenas para o futuro, como se lá houvesse soluções para todos os nossos problemas e todas as nossas dúvidas. Mas a verdade é que todas essas mudanças não seriam possíveis sem uma longa história na qual alguém aprendeu a somar e subtrair, inventou o zero, estudou as possibilidades de sistemas binários, relacionou-os com as correntes elétricas, etc. Os olhos fixos no futuro nos fazem acreditar que o presente, e o que se pode tirar de proveito dele, são as únicas alternativas que temos, levando-nos a esquecer de que vários momentos do passado também nos oferecem formas importantes e inovadoras de responder aos desafios do presente e do futuro. Assim, no campo da preparação ministerial, pode ser que no decurso do nosso estudo descubramos que nosso jeito de preparar os líderes da igreja — seminários, institutos bíblicos e outras escolas especializadas — não passe de uma criação relativamente recente, e que, em outras épocas, a

preparação se dava de outras maneiras — maneiras essas capazes de nos fornecer hoje novos padrões para a tarefa da educação teológica e do preparo ministerial.

E aquilo que se pode afirmar sobre o campo da tecnologia também é válido para o da teologia, embora muitas vezes não o percebamos. Estou convencido de que a melhor maneira de se estudar teologia é perguntar sobre o desenvolvimento histórico da própria teologia — mas isso é farinha de outro saco, e um assunto para outra ocasião. Seria suficiente agora afirmar que até mesmo no campo da escatologia, o qual por definição cuida do futuro, precisamos sempre nos lembrar de que nossa esperança se baseia no fato de esperarmos o retorno daquele que já conhecemos. Que este futuro se mostra glorioso porque experimentamos o amor e a graça de quem aguardamos. Que há uma conexão indissolúvel entre escatologia e cristologia — e entre a cristologia e a criação!

Em resumo, portanto, o que nos propomos é explorar o passado da preparação ministerial, para verificar se há em sua história elementos que possam nos servir de guia ou inspiração para a construção do presente, tendo em vista o futuro.